

GÊNERO, RAÇA E ESPAÇO NO ROMANCE *ASAS QUEBRADAS*, DE ALDINO MUIANGA

Jozanes Assunção Nunes*

 <https://orcid.org/0000-0002-4299-4037>

Silvana Alves dos Santos**

 <https://orcid.org/0000-0003-1623-3880>

Como citar este artigo: NUNES, J. A.; SANTOS, S. A. dos. Gênero, raça e espaço no romance *Asas quebradas*, de Aldino Muianga. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO17589>

Submissão: 3 de dezembro de 2024. **Aceite:** 11 de abril de 2025.

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar como o romance *Asas quebradas*, do escritor moçambicano Aldino Muianga (2019), incorpora as discussões formuladas – ou se afasta delas – pelo feminismo sobre as hierarquias opressoras de gênero, raça e espaço social, além de investigar, por meio da heterodiscursividade que atravessa o enredo, como esses sistemas de classificação se interseccionam, desqualificando e desumanizando a existência das mulheres negras. Trata-se de um estudo de escopo bibliográfico que percorre alguns escritos de Bakhtin e o Círculo, além dos estudos feministas.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Raça. Espaço social. Heterodiscursividade.

* Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil. *E-mail:* jozanes@globo.com

** Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil. *E-mail:* silvanaalvessantos@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A literatura moçambicana surgiu como uma expressão direta da subjetividade negra em um país culturalmente dominado pelo poder branco. Ela se opõe à literatura colonial que se dedicava a aviltar, menosprezar e apagar os negros e toda a sua história. Contrapondo-se à colonialidade, a literatura moçambicana realça a cultura, as várias nuances do ser moçambicano e suas raízes históricas. Essa escrita está amalgamada com os movimentos sociais, políticos, de resistência e de solidariedade ao povo negro (Noa, 2014).

As produções de autores moçambicanos, na atualidade, se curvam ao propósito de desmentir os grandes e falaciosos acontecimentos narrados pela literatura colonial, que refletiam apenas os interesses dominantes e que ao longo de muito tempo vêm sendo inculcados nos povos que habitam o continente africano como verdades. Essa propositura literária faz uso das vias de ficção para representar fenômenos segregadores e opressores intimamente localizados na história, como o colonialismo, o racismo, a escravidão e todo o seu legado.

Aludem Fonseca e Moreira (2007) que, quando esses escritores se voltam para seus textos, manipulam seu acervo de memória e suas experiências coabitadas pelas dolorosas situações de racismo, externam uma condição de vida desconsiderada continuamente pela literatura hegemônica. Sob essa perspectiva, a literatura moçambicana institui-se como uma poderosa via de subjetivação e determinação cultural, na medida em que é produzida pelas próprias vítimas e por aqueles que não se furtam à responsabilidade de combater e denunciar os horrores do sistema opressor.

Dante dessas colocações, e à luz da perspectiva de Bakhtin e o Círculo, e das teorias formuladas pelos feminismos negros que se prendem ao propósito de compreender os fenômenos machistas e repressores da figura feminina, é que os nossos esforços se movem na intenção de encontrar possíveis respostas para a pergunta que foi o fio condutor de todo o estudo: como a escrita de Aldino Muianga responde ao feminismo interseccional das múltiplas dimensões de gênero, raça e espaço social, a partir da enformação dada aos conteúdos que preenchem essa produção literária?

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As feituras teórico-metodológicas deste trabalho se voltam para os estudos feministas e bakhtinianos. Neste espaço, desfilaremos os conceitos e as categorias analíticas que consubstanciarão a nossa pesquisa, balizando-nos nos aspectos voltados às questões dos femininos, assim como dos pressupostos bakhtinianos. Com base nesses pressupostos, traremos uma noção mais adequada da heterogeneidade discursiva que cerca um grupo social que carrega os signos da subalternidade.

FEMINISMOS NEGROS: PERSPECTIVAS GERAIS

Os ativismos negros feministas, por meio de diversos estudos, vêm travando intensas discussões no sentido de evidenciar para o mundo que a questão de gênero, por si só, já é um agravante do sofrimento feminino, porém, quando

somada ao recorte de raça e espaço, as dificuldades e os níveis de opressão se avolumam sistematicamente. Assim, descortinam que [...] a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular opera negativamente como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas (Carneiro, 2003, p. 3).

É pensando nisso que Ribeiro (2018) não nos deixa esquecer que os feminismos negros têm um caráter democrático e emancipatório. Visa à capacitação de mulheres negras, estimula a participação política, dá visibilidade à problemática específica das mulheres negras na sociedade brasileira e enseja possibilidades para a formulação de propostas concretas de superação da inferioridade social gerada pela exclusão de gênero e raça e a sensibilização do conjunto do movimento de mulheres para as desigualdades dentro do que o racismo e a discriminação produzem (Carneiro, 2011).

Nesse terreno, não é possível, quando se trata de mulheres negras, compreender gênero e opressão racial de forma separada, pois a separação aumenta a invisibilidade das diferentes necessidades das mulheres negras comparadas aos homens negros e às mulheres brancas. É nesse sentido que os feminismos negros defendem a necessidade de abarcar uma perspectiva interseccional, defendida por Crenshaw (2002), como o entendimento de que a realidade social é constituída por variados sistemas de discriminação que interatuam entre si, produzindo múltiplas dimensões da experiência feminina negra. Para Crenshaw (2002), a vivência humana é constituída de experimentos distintos, logo precisam ser vistos como ocorrências multidimensionais. À luz dessa perspectiva, apresentamos nas linhas subsequentes uma breve discussão enfocando algumas categorias provenientes dos estudos de Bakhtin e o Círculo que consubstanciarão nosso estudo.

OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS BAKHTINIANOS

Em “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, Bakhtin (2014, p. 24) acrescenta que

[...] o romance é uma forma puramente composicional de organizações das massas verbais, por ela se constitui num objeto estético a forma arquitetônica de realização artística de um acontecimento histórico ou social, que constitui uma variante da forma da realização épica.

Para elucidar como essa questão deve ser pensada, Bakhtin (2014) promove uma comparação entre a forma arquitetônica e a forma composicional.

Melo Júnior (2022, p. 23), interpretando o pensamento de Bakhtin, estabelece que “é possível definir arquitetônica como a constituição dialógica de elementos que, mesmo sendo diversos, estão intrinsecamente conectados entre si formando um todo indivisível”. Ainda segundo o pesquisador, embora as partes de um texto literário sejam diferentes, elas estão interligadas para formar um todo. Da mesma forma, os componentes de um objeto arquitetônico não devem ser examinados individualmente, mas em sua interação mútua, contribuindo para a formação de um todo.

Conforme Melo Júnior (2022, p. 23), os

[...] elementos “conteúdo”, “material” e “forma”, apesar de distintos, formam um todo indivisível, desse modo, ratifica que a forma não pode ser entendida desassociada do conteúdo, não pode ser independente da natureza do material e dos procedimentos por ele condicionados.

Assim, passaremos agora a expor, conforme o pensamento bakhtiniano, como essas unidades – conteúdo, material e forma – integram a arquitetônica.

Cabe, de início, esclarecer que o conteúdo não se restringe ao assunto que é tratado no romance, ou seja, ele o transcende. Segundo Melo Júnior (2022), o conteúdo é composto de dois elementos fundamentais: a realidade do conhecimento e o ato ético. Nessa direção, a realidade do conhecimento reside na vida, no próprio conteúdo da existência. Assim, podemos entender o conteúdo como o tema da vida impregnado de valores socioideológicos. Esse conteúdo, então, é extraído da vida e inserido na obra de arte, refletindo a perspectiva axiológica do artista e seu plano estético.

O segundo elemento da arquitetônica “é a palavra, a língua, o verbal [...]”, refere-se às escolhas linguísticas, às técnicas de criação manuseadas pelo enunciador ou produtor do discurso (Brait, 2017, p. 11). Melo Júnior (2022, p. 24) acrescenta que é por meio da língua que o prosador “insere, na criação literária, os diferentes discursos sociais (heterodiscursivo), como também estrutura os elementos puramente estéticos, aqueles que compõem a obra literária, como narrador, personagem, tempo, espaço etc.”.

Nesse sentido, a organização do material linguístico é crucial no processo de criação de uma obra, uma vez que a estruturação de frases, orações, períodos e parágrafos dá vida ao universo do herói, moldando seu ambiente e comportamento. Bakhtin (2014, p. 52) reforça ainda que “o artista lida com palavras, pois apenas elas são algo definido e indiscutivelmente presente na obra”. Assim, o teórico replica que o material é um componente “esteticamente significante, ele é indispensável à sua construção como momento técnico” (Bakhtin, 2014, p. 52). É justamente por esse aspecto que podemos dizer que o artista não trabalha exatamente com o sentido literal das palavras; elas, antes de serem empregadas na obra, são valoradas ideologicamente, ou seja, são manipuladas para que pos-sam servir ao propósito do autor.

Conforme Bakhtin (2014), a forma, por sua vez, é a organização dos valores cognitivos. É por meio da forma que se organiza e se conclui o conteúdo. De acordo com Melo Júnior (2022, p. 24), em conformidade com o pensamento bakhtiniano, a forma enleia “dois momentos [que] têm dois direcionamentos distintos: a forma do conteúdo (a forma arquitetônica) e a forma do material (a forma composicional)”. Assevera Bakhtin (2014) que o conteúdo deve ser encarado como um elemento que integra o material que ajuda a sedimentar a forma. A forma, por sua vez, é escolhida pelo autor, vai se desenhando durante o processo criativo e se define totalmente ao final do projeto discursivo, após a inserção de tudo o que almeja dizer.

Dessa maneira, conteúdo, material e forma se aglutinam, são inseparáveis, são indissolúveis para uma análise estética, restando-nos perceber que não existe, portanto, um conteúdo puro, inalterado, pois para ganhar inteligibilidade o conteúdo precisa ganhar forma; de igual modo, a forma precisa ser preenchida por um conteúdo para se tornar comprehensível (Bakhtin, 2014). Assim, uma obra literária deve ser analisada a partir da concepção de sua arquitetônica. Em

outras palavras, devemos evitar perspectivas que se concentram exclusivamente na análise do conteúdo, como os discursos, os temas da vida e os aspectos culturais representados em uma obra.

Seguindo os preceitos apresentados, analisaremos o romance *Asas quebradas*, de Aldino Muianga, examinando as estratégias discursivas e de estruturação utilizadas pelo autor. Daremos especial atenção à maneira como a obra dialoga com os feminismos negros, abordando as múltiplas dimensões de gênero, raça e espaço. A análise se concentrará na forma, no conteúdo e no material da narrativa, destacando como esses elementos constroem e informam a trama.

ANÁLISE DIALÓGICA E INTERSECCIONAL DO ROMANCE *ASAS QUEBRADAS*

Asas quebradas é um romance ambientado em vários espaços geográficos, localizados nos arredores de Moçambique, como Costa do Sol, Ilha de Mariana e Massinga. O conflito é ordenado a partir da perspectiva de duas jovens moçambicanas: Maria Cecília “Macisse” e Marcela de Jesus “Celinha”, mãe e filha. Duas mulheres separadas por um ato bárbaro de violência, seguido de muita discriminação, autoritarismo masculino e total abandono social, situação que culmina em repercussões muito negativas para ambas que as obrigam a seguir caminhos distintos, que nunca mais se cruzam.

A trama está dividida em três partes e conta, ainda, com um sintético epílogo. A primeira parte nos apresenta a protagonista Maria Cecilia, também conhecida como “Macisse”, cuja experiência é o foco do início da história. Aqui é narrada a viagem que a jovem noiva faz para um povoado distante com o intuito de conhecer uma tia e convidá-la para o seu enlace. O encontro fraterno ganha contornos sombrios e desesperadores quando o esposo da tia se aproveita de um breve momento a sós com a sobrinha para violentá-la sexualmente.

A moça não encontra espaço para relatar à tia o fatídico acontecimento. Muito abatida e desesperançada, retorna para seu povoado, sem saber que carregava no ventre um fruto daquele sórdido momento. Esse acontecimento enseja uma compilação de má sorte e infortúnios que ela jamais imaginou enfrentar. Ela se casa, mas sua vida conjugal não prospera, pois as desconfianças em torno da paternidade da filha culminam na revelação de que o bebê não pertencia à família Muthetos. Consternada, Maria Cecília deixa a casa onde residia e desaparece sem deixar pistas de seu paradeiro. Na parte subsequente, o protagonismo recai sobre sua filha, Marcela de Jesus, conhecida como “Celinha”, destacando seu desenvolvimento físico, social e psicológico. A última sessão estampa todo o sofrimento de Celinha com a viudez, o assédio sexual por parte do chefe e a injusta demissão.

Já no início do romance *Asas quebradas*, o autor define a imagem da personagem principal ao revelar seu gênero, raça e classe, o que, categoricamente, produz sentidos acerca da posição simbólica que a protagonista assume na trama. Esses aspectos, além de caracterizarem a personagem, situam o autor acerca do modelo social excludente que vigora em Moçambique. Vejamos:

Fazia três anos, desde que saíra de Morrumbene, empurrada pelos ventos da pobreza e da orfandade, que se hospedara na casa da mana Salva com esperança de aí achar uma plataforma que a encaminhasse para os marcos de uma nova vida. A formação rudimentar e a generosidade da irmã eram as únicas

armas que possuía para enfrentar os desafios do futuro (Muianga, 2019, p. 15, grifo nosso).

Quando a mãe faleceu a família estava empobrecida, cheia de carências de toda ordem, dos materiais e das espirituais. Os sinais de infortúnio começaram a manifestar-se logo a seguir a morte do pai [...] a família mergulhou na treva de uma desgraça e ficou reduzida a quatro mulheres desamparadas que assim se viam à mercé de toda a sorte de imprevistos [...]. Foi naquele aglomerado onde Macisse se juntou à irmã a quem ajuda nas lides da casa e nos negócios de mariscos no pequeno mercado local (Muianga, 2019, p. 21, grifo nosso).

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita dos fragmentos, é importante enfatizar que a narrativa é conduzida em terceira pessoa e durante o desenrolar da história o narrador frequentemente assume a voz da personagem e fala em seu lugar. Ao negar à personagem uma voz direta, o narrador cria uma distância objetiva entre o leitor e a personagem. É interessante que essa objetividade amplia a visão panorâmica da história, permitindo que o leitor veja além das emoções individuais da personagem e compreenda o contexto mais amplo, como se percebe nos excertos acima.

Voltando o olhar mais detidamente para os trechos, observa-se que as vozes introduzidas pelo autor moldam o tempo e o espaço valorados ideologicamente. As palavras “pobreza”, “orfandade”, “treva” e “desgraça” explicam os arranjos que configuram o contexto sócio-histórico que envolve a protagonista negra, especificando que se trata de uma pessoa excluída das organizações sociais e sem possibilidades de inserção na sociedade. Esse aspecto crítico que ajusta o conteúdo, o material e a forma ganha vigor quando se descortinam as origens socioespaciais da família da personagem, que é, nas descrições do autor, “empobrecida, cheia de carências de toda ordem, dos materiais e das espirituais”.

Os traços que constituem os enunciados apontam não somente para a situação de grande instabilidade econômica que encurrala a protagonista, como também são expressivos indicadores do processo de desvalorização que acompanha as mulheres negras, deixando perceptível que Macisse e todas as outras que vieram antes tiveram suas vidas soterradas pelo resíduo da colonização. Interpreta-se nesse modo de narrar uma relação dialógica de convergência com as teorias feministas negras, uma vez que se nota que o autor se vale das pautas difundidas por tais estudos para organizar esteticamente temas como dificuldades de acesso a direitos e a bens culturais que costumeiramente são negados às mulheres (González, 2018; Carneiro, 2003).

Segundo essa dinâmica, os valores ideológicos que preenchem e dão sentido à trama concorrem para a compreensão de que a escassez de oportunidades não morre com a mãe de Macisse, ao contrário, ela se avoluma e sela o destino da protagonista, que, por possuir apenas “formação rudimentar”, passa a sobreviver da “generosidade da irmã”, “a quem ajuda nas lides da casa e nos negócios de mariscos no pequeno mercado local” (Muianga, 2019, p. 21). Observa-se que a quebra prematura dos vínculos com a escola confina a moça negra em lugar comum: a esfera dos trabalhos precarizados e mal remunerados e a dupla jornada de trabalho. Notadamente, esse espaço social não oferece qualidade de vida, nem incentivos ou possibilidades de retorno aos estudos, e, assim, Macisse é mais uma mulher que “contribui” para “o fenômeno do crescente feminização da pobreza” (Carneiro, 2011, p. 160). Vejamos:

Aquelas eram recordações que a acompanhavam na mente, as de um passado de angústias e privações, as do trabalho árduo na machamba, as da venda de coco e dos produtos das culturas, as da carência de uma formação escolar básica, enfim, do desfile de eventos tristes ao longo da infância e da adolescência (Muianga, 2019, p. 21).

Juntar-se a irmã Salva ter-se tornado uma necessidade, um degrau na via pela transformação para outra vida, diferente, melhor do que aquela que se mostrara até, então; e essa era a de lutar com o fim de alcançar outros patamares. Um desses seria obter alguma educação, frequentar alguma escola noturna nesses cursos de alfabetização e de educação de adultos. Para já, a meta seria concluir o primeiro ciclo secundário. Depois ver-se-ia o futuro, diria, a experiência na cidade mostrar-lhe-ia os caminhos a seguir (Muianga, 2019, p. 22).

Percebiam que as recordações que marcam essa precariedade são elencadas de forma progressiva no texto. Vale ressaltar que o autor utiliza a mesma estrutura frasal introduzida pela expressão “as de” para apresentar essa progressão; essas estratégias narrativas ajudam o autor a perceber que a moça lidava desde sempre com um estado financeiro desfavorável, sem o mínimo necessário para a sobrevivência. Assim, prossegue o autor que a única forma de a protagonista “obter alguma educação” seria pela “escola noturna nesses cursos de alfabetização e de educação de adultos”. O autor, ao esculpir essa vivência mitigada para a personagem, põe em evidência os obstáculos que impedem muitas meninas de frequentar a escola e, assim, ter aspirações mais altas.

Para esperançar a protagonista, o autor insere na trama uma viagem. Dessa forma, a personagem deixa o povoado e o noivo por alguns dias e vai conhecer a tia Marta, pessoa abastada economicamente, que a protagonista conhecia apenas por relatos da falecida mãe. Sua estadia nesse novo espaço-tempo é assim narrada:

O caráter extrovertido da Macisse valeu-lhe muitos dividendos naquela pequena comunidade. Não lhe custou angariar simpatias e amizades no agregado. E não só, as raparigas das redondezas sentiam-se muito honradas em tê-la entre seus círculos. E os mangalas? Esses, então, ufanavam-se todos, bravatas de pescadores, cada qual o mais exímio em toda a ilha, diziam. Disputavam o seu sorriso e a sua companhia (Muianga, 2019, p. 23).

O excerto afirma que não é somente o espaço-tempo que muda, a protagonista também ganha outro acabamento estético. Na companhia da tia, a personagem tem suas características e aspectos comportamentais ressaltados de modo bastante positivo, ganhando, assim, um “caráter extrovertido”, que leva o leitor a imaginá-la amistosa, agradável, educada, gentil e amável para com o outro. Essa ideia é reforçada quando o narrador acrescenta que tal personalidade “valeu-lhe muitos dividendos!”. Ao afastar-se, momentaneamente, dos marcadores de uma condição que momentos antes lhe mostrava desqualificada e pauperizada, a personagem na “pequena comunidade” passa a prender a atenção e isso a faz conquistar muitos amigos e admiradores.

Avançando nas análises, constata-se que o autor vai revelando uma personagem mobilizada pelo ímpeto de alcançar ascensão social, mas não deixa de registrar que as barreiras sociais, ocasionadas pelas intersecções de gênero, raça e classe, são extensas e trabalham conjuntamente para limitar as oportunidades

de mulheres negras e as agrilhoar em espaço e situações desfavoráveis. Ao contemplarmos esses reveses, avistamos uma relação dialógica de concordância com os feminismos negros, uma vez que, ao seu modo, a obra também declara quais “mulheres, mais provavelmente, sofreram” e ainda sofrem com abusos sexuais (Crenshaw, 2002, p. 175). Observa-se que, no momento de maior otimismo vivenciado pela protagonista, ela se dá conta de que o espaço que lhe referenciou tantas esperanças e no qual se achava segura não era. Analisemos como isso é apontado ao leitor:

Mas, eis senão quando, escuta um bater suave à porta. Silêncio. Três pancadas surdas e espaçadas repetiram-se [...] (Muianga, 2019, p. 26).

Macisse mal poderia acreditar que aquele era o tio Gabriel [...] via um ser que, paulatinamente se insuflava de ar e adquiria as proporções de um gigante, cujas feições se transformavam e ganhavam a fisionomia de um monstro ressuscitado de um túmulo e naquele quarto se materializasse (Muianga, 2019, p. 26).

Tudo envolveu-se pelo sinistro dum ambiente só possível em pesadelos. E a Macisse, em plena madrugada, testemunhou o seu, protagonizado por si e pelo monstro, materializado na pessoa do tio, o mesmo que acolhera naquela casa (Muianga, 2019, p. 27).

Como olhar para si mesma depois daquele incidente? Como encarar a irmã, a própria tia e os primos? E o próprio noivo? Como esse era acusado mencionar uma palavra que fosse sobre o sucedido. Perante todos seria a culpada e não vítima. Prefere carregar o calvário do sofrimento no silêncio. Aquela era uma das primeiras estações ao longo do percurso na sua vida como mulher (Muianga, 2019, p. 29, grifo nosso).

Notem que o verbo “bater” é substituído por “pancadas” no segundo período, que é qualificado pelo adjetivo “surdas”. A combinação desses termos elabora a percepção de que algo misteriosos e sinistro possivelmente será trazido a lume. No encadeamento das ações, a escolha do material desenha a imagem do tio com personalidade e fisionomia disformes. Aqui o valor semântico/ideológico embutido no uso do substantivo “monstro” desvela um caráter desprovido de humanidade, de um ser moldado pela truculência. A escolha desse padrão estético para sustentar a personalidade da personagem refrata as implicações que derivam do “poder do macho”, demonstrando que homens, quando afetados por uma masculinidade exacerbada, se sentem outorgados a usar força física para coagir e realizar seus desejos desregrados (Saffioti, 2015).

O terceiro excerto faz menção à violência sexual sofrida pela protagonista. Em vez de dar detalhes sobre as atitudes da personagem tio, o autor opta por descrever a atmosfera que toma conta do dramático evento. Narra-se que o “ambiente” se torna “sinistro”, desenha-se uma situação que, no entendimento do narrador, “só possível em pesadelos”. Desse modo, o autor revela ao leitor que Macisse fora brutalmente violentada dentro de um espaço que julgava seguro e por alguém de seu convívio familiar, “o mesmo que acolhera naquela casa”, e que se transforma num agente de volumosa monstruosidade.

O material escolhido para descrever a cena do abuso sexual dá destaque à gravidade do ocorrido e evidencia a personalidade e a natureza agressiva do vitimizador, logo emite um efeito de desaprovação/condenação em relação às ocorrências protagonizadas por Macisse. Em contraposição à imagem repulsiva do

tio, vemos a dor e o sofrimento da protagonista serem relevantes. Entendemos que a densidade simbólica do termo “calvário” sinaliza que não se trata de uma escolha lexical inocente, mas pretensamente escolhido para produzir uma dialógicidade entre o acontecimento narrativo e a expiação de Cristo. O estupro, por essa via, acarreta exatamente tudo o que a morte por crucificação impôs de mais horrível e doloroso a Jesus: dilacerações, violação, humilhação pública e um tormento prolongado.

Ao trazer para *Asas quebradas* a violação do corpo feminino negro, o autor retrata esse lugar de subserviência que os discursos oficiais conferem à mulher negra, reproduzindo em outra linguagem exatamente o que os estudos feministas difundem e referendando que são essas construções estereotipadas que enclosuram mulheres negras na deformidade moral, na objetificação, na sexualização e na negação de suas humanidades, o que as demoniza e as torna os seres mais frágeis da sociedade (González, 2018). É nesses termos que a obra aponta que a revitimização ganha corpo como uma das faces mais perversas do machismo, fazendo com que as vítimas não denunciem e guardem todo o horror da experiência do abuso sexual para si, como se constata no trecho: “[...] na manhã seguinte, a Macisse embarcou numa das barcaças para a viagem de regresso à cidade” (Muianga, 2019, p. 28).

A narrativa a segue e mostra que a personagem, intimidada pelas crenças e práticas sociais, não revela nada sobre o ocorrido, volta para seu povoado, junta-se à irmã e logo casa-se com Victor. As condições financeiras, aliadas às tradições culturais, como coloca o autor em “como é de usos e costumes”, não franqueavam a Macisse, após contrair núpcias, a opção de ter um espaço mais privado com o esposo:

Como é de usos e costumes, a imposição da tradição a que não poderiam furtar-se, o Victor e a Macisse permaneceram na casa paterna daquele por três meses, depois da cerimônia de matrimônio. [...] Ao final daqueles três meses, e por exigência do Victor, o casal transferiu-se para outro bairro. Alojaram-se num barracão de quarto e sala [...] (Muianga, 2019, p. 34-35, grifo nosso).

É inevitável não percebermos no enunciado que a estrutura sociocultural influencia o modo de viver do casal e a forma como eles se relacionam com o ambiente e com as pessoas. A ideologia que percorre o escrito mostra que a cultura masculina é dominante e a participação das mulheres é reprimida, pois a “imposição da tradição” força a protagonista a ir morar com a família de Victor. O contexto modifica-se somente “ao final daqueles três meses, e por exigência do Victor, o casal transferiu-se para outro bairro”, ou seja, Macisse não tinha poder para opinar sobre onde e como residiriam, é o esposo quem toma as decisões pelo casal.

É nesse espaço-tempo desfavorável que a personagem, após oito meses de matrimônio, dá à luz uma menina, Marcela de Jesus. Nesse período, as despesas aumentam e Macisse procura meios para ajudar financeiramente o esposo. Observa-se que o texto se nutre de muitas vozes, as quais endossam dialogicamente os discursos das pensadoras feministas negras ao efluir que a pouca instrução, ocasionada pela desigual apropriação da oportunidade educacional, é uma barreira para a inserção no mercado de trabalho e um empurrão para o subemprego, a informalidade e para uma experiência que se calça na ausência de direitos trabalhistas e previdenciários (Carneiro, 2019). Vejamos:

Depois dos cuidados iniciais do puerpério montou uma pequena banca à entrada da residência. Aí mercava hortícolas, fruta variada e lenha. Uma fortuna não contava acumular, mas acreditava que o mais importante era iniciar algo que – sabe Deus – poderia levá-la a um estatuto como o da tia-madrinha da ilha Mariana. Era uma forma de juntar os seus esforços aos do marido para a família ganhar alguma estabilidade financeira (Muianga, 2019, p. 44, grifo nosso).

Constata-se no fragmento que o ofício da protagonista é um exemplo de tudo aquilo que não se enquadra em marcos legais e apropriados de empregabilidade, haja vista que não confere nenhuma proteção social. Tampouco lhe assegura um retorno econômico que propicie uma elevação consistente de seus níveis de rendimento, como comprovam as escolhas lexicais utilizadas para narrar o que era comercializado: “mercava hortícolas, fruta variada e lenha”. O tempo avança, mas os planos de Macisse não ganham forma. O enredo demonstra que a violência que vitimou a personagem, meses atrás, tem um desdobramento horrível que a submete a um linchamento social. Essa denúncia ganha materialidade quando o narrador inserta que a família de Victor, por intermédio de um ritual, descobre que Marcela de Jesus não é membro sanguíneo da família, ou seja, é revelado que a menina não é filha de Victor. A contenda se alastra e o espaço-tempo torna a existência da protagonista ainda mais árida. Observemos como isso é narrado:

A comunidade do bairro badalava a história da Macisse aos quatro ventos, o escândalo de um matrimônio que nem um ano durou. Ela tornou-se a figura central da brejeirice popular, o exemplo vivo da desonestade e da imoralidade, o da perda de valores pelas raparigas daquela geração (Muianga, 2019, p. 54, grifo nosso).

A narrativa evidencia que machismo e o conservadorismo punem implacavelmente a personagem: “Ela tornou-se a figura central da brejeirice popular”. De preende-se que Macisse não é agraciada com o ônus da dúvida, não teve direito ao contraditório, seu lado da história não foi ouvido. A família de Victor, em função da suspeita de infidelidade, acusa e decreta a sentença, no caso, o fim do casamento. A protagonista, por sua vez, tem a imagem esfacelada socialmente; ao perder o título de mulher casada, passa a ser vista como “o exemplo vivo da desonestade e da imoralidade”, relegada a um espaço ainda mais profundo de descrédito, desprezo, humilhação e abandono. Afirmamos, então, que a perspectiva da abordagem do autor nos permite enxergar uma relação dialógica de acordo com as reivindicações feministas no âmbito social, a ênfase pleiteia a igualdade de gênero e mostra a necessidade de construirmos espaços em que homens e mulheres possam usufruir das mesmas responsabilidades, direitos e oportunidades.

É importante dizer que o esposo se volta contra Macisse, que, consumida pelas hostilidades e manifestações de desafeto, reúne as roupas do bebê em uma sacola e, junto com a filha, parte sem rumo. Desolada, percebe-se sem renda e meios econômicos para manter-se e cuidar da filha. Resolve, então, “entregar a Celinha às mãos de alguém que pudesse acolhê-la e dar-lhe uma educação condigna” (Muianga, 2019, p. 59). A protagonista escolhe para a empreitada um casal de tios, cujo “negócio arrecadara uma receita que, comparada

com as outras vendedeiras, poder-se-ia considerar um grande lucro” (Muianga, 2019, p. 62). O momento da entrega da menina é assim descrito pelo narrador: “[...] Macisse beijou a filha na testa e empreendeu a mais penosa e longa caminhada da sua vida naqueles quase vinte metros que separavam aquele portão dos braços da sua filha Marcela de Jesus” (Muianga, 2019, p. 61).

Ao apresentar a segunda protagonista, o enredo incorpora uma mobilidade intergeracional, uma vez que a coloca em um espaço social em que raramente vemos mulheres negras. Figura-se que a adoção de Marcela de Jesus por uma família com quadro financeiro equilibrado quebra o ciclo do assujeitamento social que acompanhava Macisse e que certamente seria herdado por Marcela de Jesus. Notemos:

A Celinha ganhara um lar e os Maculuwe uma filha que era, finalmente, a dádiva com que Deus os agraciava. [...] Ao longo do tempo de criação da Celinha a mãe e o pai Ruben excederam-se em providenciar-lhe todas as atenções de que foram capazes. Não seria justo negar-lhes as excelentes qualidades de educadores e protetores. Para a filha almejavam um futuro seguro, que construíram concedendo-lhe uma formação escolar e humana (Muianga, 2019, p. 70, 74).

Aqui, de modo explícito, o autor notabiliza que a criança é recebida como “a dádiva com que Deus os agraciava”, um desejado presente, pelo qual o senhor e a senhora Maculuwe tanto esperavam. O narrador destaca que a vinculação afetiva dos pais adotantes com a criança é instantânea, tanto que “excederam-se” nos cuidados, nos padrões educativos e nos investimentos para que a “filha” se tornasse bem-sucedida, integra e de bom caráter. Posto isso, o autor expressa que os cuidados paternos, o incentivo e o aporte financeiro são eixos que estruturam positivamente a vida de uma mulher.

No fragmento, a voz da educação é destacada e ganha relevância, uma vez que os pais almejavam para a filha “um futuro seguro, que construiram concedendo-lhe uma formação escolar e humana”. Entende-se, assim, que “um futuro seguro” e mais humanizado para as mulheres está intrinsecamente ligado ao acesso à educação. Essa abordagem nos permite compreender a adoção de Celinha como uma oportunidade de desvincular-se da pobreza e ter oportunidades que, certamente, não estariam disponíveis ao lado de Macisse. Deixa em evidência, ainda, por meio do espaço e da realidade experienciada pela personagem, que a qualificação tem relação direta com o empoderamento feminino, pois confere ao grupo visibilidade e condições para acessar outros espaços que não aqueles tidos como naturais, sobretudo para as mulheres negras.

Nessa ótica, na forma como o conteúdo é retratado, percebe-se o estreito diálogo com os debates feministas, pois em tais discursos se comprova que para romper barreiras e alcançar a equidade entre os sexos a educação é um instrumento indispensável. Mais que isso, o acesso à escola não só empodera mulheres, como também colabora para o crescimento econômico e o progresso de qualquer nação (Carneiro, 2019).

Marcela é descrita como um “modelo para as colegas, a quem ajudava nos deveres de casa e nas vésperas dos exames”. Ao assumir o comércio da família, demonstrava “excepcionais qualidades em matéria de negócios” (Muianga, 2016, p. 73). O tempo avança de modo cronológico e reafirma o espaço confortável que a protagonista ocupa. Agora Marcela conta com seus 20 anos, já ocupa um cargo em uma repartição pública, o que, segundo o autor, a faz “independente” e

“pronta para enfrentar os desafios de um lar” (Muianga, 2019, p. 85). É nessas condições que “iniciar-se-ia o assentamento dos seus alicerces como mulher independente e casada”, com Tiago, um jovem que conhecera nos tempos de escola (Muianga, 2019, p. 85).

Nessa cena, a valoração estabelecida pelo autor cria uma relação direta entre as oportunidades que foram proporcionadas à protagonista e as realizações pessoais e profissionais que ela consegue alcançar. O discurso de que o acesso à educação afasta mulheres da pobreza e da subserviência ganha sustentação empírica. Vejamos:

Depois de cinco anos de matrimônio iniciaram uma obra, a construção de uma habitação na zona nobre do bairro Triunfo [...] onde ombreavam com distintos membros do governo e individualidades ligadas à diplomacia e ao empresariado. [...] A áurea da glória social e de prestígio profissional cobria e protegia a vida do casal [...]. A criadagem que os servia, os automóveis em que se transportavam pareceriam barreiras que os separassem do universo exterior em que os outros cidadãos e familiares viviam. Pelo contrário, a sua era uma casa aberta àqueles que com eles sempre conviveram (Muianga, 2019, p. 86).

Verifica-se que a voz do narrador refrata o horizonte social dos abastados. A nova moradia do casal foi erguida em uma “zona nobre”, remetendo a algo superior, distinto e que resulta em qualidade de vida, segurança, conforto, algo que está à disposição de poucos. Nas palavras do narrador, o casal tem por vizinhos “distintos membros do governo e individualidades ligadas à diplomacia e ao empresariado”, explicando que as pessoas que ali residiam, na qualidade de proprietários ou descendentes destes, detinham grande influência e poder econômico, tendo, assim, muitos privilégios e regalias. Em meio ao contagiente fascínio que o suntuoso estilo de vida parece exercer, o narrador destaca que o casal era referência no meio social que ocupava, pois viviam cobertos por uma “áurea da glória social e de prestígio profissional”.

Vê-se, então, que *Asas quebradas* preza um aspecto estético que alguns escritos desprezam ou desprezavam. Diferentemente das produções hegemônicas, a composição de Aldino Muianga traz uma representação de mulher negra que expressa fineza, age com distinção e delicadeza. De igual modo, pode-se notar que o acabamento estético que a heroína recebe está em conformidade com certos princípios e valores morais. Nesse exemplo, a presença da moça em elevada posição não lhe furta a humildade, continua a ser uma referência de bondade e acolhimento aos mais necessitados, já que “desloca-se em visitas”, levando alimentos e “montante” em espécie para aqueles que mais precisam.

Mas ao leitor dessa escritura ficcional ainda resta saber que a vida de Marcela de Jesus sofrerá muitos revezes, pois a dialogicidade interna da obra, construída por vozes que questionam o porquê de determinados grupos viverem reféns de um sistema discriminatório, adentra o romance. Tais vozes revelam que racismo e sexism causam uma desumanização tão profunda que a mobilidade social ainda não consegue diluir (González, 1918). Essa transição é explicitamente apontada da seguinte forma:

As relações entre Tiago e Celinha azedavam-se dia a dia. Algumas disputas mereceram a intervenção das autoridades policiais do bairro, que sempre se pautaram pela busca de uma solução doméstica e de conciliação. Os vizinhos já

andavam enfastiados pelos episódios de violência, já rotineiros, “uma vergonha e mancha no prestígio do bairro”, assim, protestavam (Muianga, 2019, p. 96).

Observamos nesse trecho duas vozes que se destacam. No primeiro momento, temos a fala do narrador, que usa o verbo “azedar” para descrever quão conflituosa e desarmônica estava a relação de Tiago e Celinha. O narrador acrescenta que, em muitos momentos, as brigas eram tão violentas que requisitavam a “intervenção das autoridades policiais”. Mesmo assim, a reconciliação não ocorria e as desavenças persistiam a ponto de os vizinhos se enraivecerem. Os desentendimentos ensejam um divórcio litigioso. Após o divórcio, o narrador encerra a participação de Tiago na trama por meio de terrível e fatal acidente de automóvel. Nesse momento, inicia a terceira fase da narrativa. Nesse espaço-tempo, o autor infunde seu enredo com uma questão bastante explorada pela agenda feminista negra, como veremos. Após Marcela de Jesus ficar viúva, o narrador traz à tona as intenções do seu chefe, o senhor Mônico Liquelequele:

Sempre contemplara o sonho de uma relação mais privada e íntima com a colega Marcela de Jesus, atormentada pelos problemas que a viuvez carrega consigo, a solidão em primeiro lugar, depois as abstinências que incendeiam uma mente e um corpo jovem. Cheio de pretora e as incandescências próprias daquele estado. Imaginava a colega a recostar a cabeça sobre o seu peito masculino, a trepidar de ânsias e ele a murmurar-lhe obscenidades para acicatar os apetites (Muianga, 2019, p. 120, grifo nosso).

Constata-se no fragmento que o narrador coopta vozes que colaboraram para a representação de um homem libertino, desrespeitoso e de virilidade exacerbada, que coloca a mulher no lugar de objetificação. Nas palavras do narrador, Mônico desde sempre alimentava o desejo de ultrapassar as barreiras da amizade com a subordinada, mas só se atreve a manifestar-se quando Marcela perde o esposo, julgando que a funcionária de “mente e um corpo jovem” estaria “atormentada”, em estado de “solidão” e “abstinência” sexual, considerada, assim, aberta às investidas do superior imediato. Ante isso, revela o narrador que a personagem sofre de transtorno delirante, já que vivia a imaginar a servidora “a trepidar de ânsias e ele a murmurar-lhe obscenidades para acicatar os apetites”.

Esse modo de enformar o conteúdo nos leva a afirmar que há uma relação dialógica de proximidade com as denúncias reportadas pelas feministas negras, em especial quando a obra exara que a desigualdade entre os gêneros também está refletida nos abusos, nas perseguições e no desrespeito vivenciados por muitas mulheres mundo afora (Davis, 2016). Nessa teia, a degenerada personagem passa a assediar sexualmente a funcionária, que, por não corresponder às investidas do chefe, torna-se alvo de perseguições e humilhações. Esse estado de empáfia da personagem Mônico Liquelequele é assim descrito:

Em razão do caminho sombrio que seu cortejo tomava, jurou que, doravante, aquela mulher que o desafiava com tanto frontalidade, jamais voltaria a dormir no serviço. Seria o esforço de um homem rejeitado e humilhado em seu próprio gabinete de chefia, pela violação do território sagrado do orgulho de quem se reputava irresistível para as mulheres, um dirigente impoluto, proeminente membro do partido do poder que até dava ordens aos ministros. Convocou-a para uma audição ela comissão disciplinar a fim de contra-argumentar as queixas que sobre si recaíam: de baixa produtividade, de atrasos sistemáticos

ao escritório e de desrespeito aos superiores hierárquicos (Muianga, 2019, p. 121, grifo nosso).

Cabe ressaltar a poderosa ferramenta utilizada pelo autor-criador na construção dessa cena, em que explora a mente da personagem, revelando suas motivações, desejos e intenções, fornecendo *insights* sobre sua personalidade. Em um único parágrafo, o narrador descreve a masculinidade agressiva da personagem, do seu “caminho sombrio”, que, no caso, refere-se à tentativa frustrada de conquistar a funcionalária. Em função disso, a personagem arquiteta e consuma um bizarro plano de vingança. A motivação é descrita em tom autoritário: “seria o esforço de um homem rejeitado e humilhado em seu próprio gabinete de chefia”. Na sequência, a voz do narrador enuncia que a personagem se nutria de uma concepção empobrecida, que o fazia crer “irresistível para as mulheres”, e nesses termos não poderia aturar “tanto frontalidade”. Em seguida, ilustram-se as falaciosas acusações que recairão sobre Marcela: “baixa produtividade, de atrasos sistemáticos ao escritório e de desrespeito aos superiores hierárquicos”.

Percebe-se que não se trata de mera fala, mas da inserção de uma afirmativa comum que entrecorta a sociedade, uma maneira de ver o mundo refletida no pensamento da personagem, que, no caso, busca representar uma violência sutil e silenciosa que afeta as mulheres. A voz do narrador se funde com outras vozes que ecoam a vitimização covarde dos que assediaram e, diante de uma recusa, se sentem feridos, injustiçados. Mais adiante, o narrador se vale de outras vozes para anunciar a arbitrariedade que acomete Marcela:

A funcionária Marcela de Jesus, afeta ao departamento de finanças deste Ministério, fica suspensa das suas atividades profissionais até a conclusão das investigações em curso sobre algumas violações ao Código de Conduta em Vigor no Funcionalismo Público (Muianga, 2019, p. 121).

Ao analisar o excerto acima, notamos que o narrador põe em evidência que o assédio sexual se manifesta como uma relação de poder e de intimidação firmados na supremacia exercida pelo masculino sobre o feminino, facultado pela vontade de controlá-las e de exercer sobre elas um ferrenho poder. Um poder que, na mentalidade patriarcal, nunca pode ser menosprezado, como representa o autor ao circunstanciar a condição farsante e injusta que ensejou a exoneração de Marcela: “[...] baixa produtividade, de atrasos sistemáticos ao escritório e de desrespeito aos superiores hierárquicos” (Muianga, 2019, p. 121). É interessante observar a ironia do enunciado, evidenciada pelo emprego da palavra “desrespeito”. Contrariamente ao que se sugere, a demissão da funcionalária não foi consequência de um desrespeito ao chefe. De fato, representou o custo imposto à personagem por ter rejeitado as investidas de um homem “que se considerava irresistível para as mulheres” (Muianga, 2019, p. 121).

Por fim, todos esses aspectos observados, seja pela voz do narrador, das personagens ou vozes sociais, permitem-nos afirmar que uma corrente ideológica e discursiva permeia o texto. Essa corrente destaca como a intersecção do racismo com o patriarcado tem sistematicamente relegado as mulheres negras a espaços e posições de subserviência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na teoria bakhtiniana e em estudos críticos formulados pelo feminismo, buscamos neste estudo apontar como o romance *Asas quebradas*, do escritor moçambicano Aldino Muianga, incorpora as discussões formuladas pelos feminismos sobre a problemática da questão das hierarquias que se constituem na convergência dos eixos opressores gênero, raça e espaço social. Nossas análises revelam que as discriminações se interseccionam, privando as mulheres de frequentar a escola e de acessar postos de trabalhos mais qualificados e com melhores rendimentos. Também revelam que mulheres marcadas pela racialidade, pelo sexismo e pela pobreza estão mais propensas a sofrer todo tipo de violência, entre elas aquelas praticadas no seio familiar.

Conforme demonstrado, a heterodiscursividade que irriga a escrita do autor aponta, por meio das vozes que mobiliza, as dificuldades que as mulheres enfrentam para se manter no mercado de trabalho, assim como deixa representando que mulheres negras, mesmo quando passam a ocupar degraus mais altos na estrutura hierárquica, ainda assim não estão isentas da deslegitimização, do apagamento e das injustiças sociais. O desfecho que amarra a trama – a demissão de Marcela de Jesus – é uma prova cabal dessa simetria e acena para a inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do patriarcado, demonstrando que a máxima “quem pode mais chora menos” continua a imperar, e, no caso, como se nota, quem vem chorando por anos a fio é a mulher negra.

GENDER, RACE AND SPACE IN THE NOVEL *BROKEN WINGS*, BY ALDINO MUIANGA

Abstract: This article aims to analyze how the novel *Broken wings*, by Mozambican writer Aldino Muianga (2019), incorporates or departs from discussions formulated by feminism about oppressive hierarchies of gender, race and social space, in addition to investigating, through the heterodiscursivity that runs through the plot, how these classification systems intersect, disqualifying and dehumanizing the existence of black women. This is a bibliographical study that covers some writings by Bakhtin and the Circle, as well as feminist studies.

Keywords: Feminism. Gender. Race. Social space. Heterodiscursivity.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Gêneros do discurso: estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 13-70.
- BRAIT, B. *A personagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ORGANIZAÇÃO ASHOKA EMPREENDEDORAS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 49-58.

DOSSIÉ

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, S. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pôlen, 2019.

CASIMIRO, I. M. Movimentos sociais e movimentos de mulheres em Moçambique. In: CRUZ E SILVA, T.; CASIMIRO, I. (org.). *A ciência a serviço do desenvolvimento? Experiências de países africanos falantes de língua oficial portuguesa*. Dakar: Codesria, 2015. p. 51-66.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista de Estudos Feministas*, [s. l.], v. 7, n. 12, p. 171-88, 2002.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FONSECA, M. N. S. F.; MOREIRA, T. T. M. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. *Cadernos Cespuc de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007.

GONZÁLEZ, L. *Primavera para as rosas negras*: Lélia González em primeira pessoa. São Paulo: Filhos da África, 2018.

MELO JÚNIOR, O. M. B. de. Arquitetônica. In: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (org.). *Diálogos em verbetes*: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. (Coletânea Verbetes). p. 23 -27.

MENESES, M. P. Mulheres insubmissas? Mudanças e conflitos no norte de Moçambique. *Ex aequo*, Coimbra, n. 17, p. 71-87, 2008.

MUIANGA, A. *Asas quebradas*. São Paulo: Kapulana, 2019.

NHAMPOCA, E. A. C. A voz narrativa de Lília Momplé: um marco de referência no feminismo moçambicano. *Revista Ártemis*, [s. l.], v. XXXII, n. 1, p. 108-129, jul./dez. 2021.

NOA, F. Surget et Ambula: literatura e (des)construção da nação. *Estudos de Sociologia*, Recife, v. 2, n. 20, p. 341-369, jan./dez. 2014.

RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.